

Processos cognitivos, criativos e sociais no desenvolvimento e aprendizagem em educação inclusiva

Cognitive and Creative Process, Social Interaction, Learning and Human Development in Inclusive Education

Neli Klix Freitas

Doutora em Psicologia; Docente no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina.
nelifrts1@gmail.com

Resumo

No artigo propõe-se abordar tópicos específicos segundo o aporte de Vygotsky e explorar suas intersecções com a educação inclusiva. São retomados processos teóricos propostos pelo autor em uma trama conceitual intrincada, que relaciona os processos cognitivos e criativos, bem como o papel da cultura na constituição social do sujeito. Também se analisam a importância das interações sociais e da mediação no ensino, na aprendizagem e no desenvolvimento humano. No texto assinalam-se condutas para a relevância desse conhecimento na formação de professores e no planejamento de ações educativas em escolas com educação inclusiva. A inclusão emanada de políticas públicas e da legislação e que resulta no direito ao ensino regular tem possibilitado aos alunos com necessidades educativas especiais o acesso à qualificação, com implicações para o debate sobre o desenvolvimento humano nas escolas.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano. Educação inclusiva. Processos cognitivos e criativos.

Abstract

The article proposes to review some of the main propositions of Vygotsky approach and exploring its intersections with inclusive education purpose. Also are focused the importance of cognitive and creative process and the paper of cultural experience in subject social identity's construction. Also examines the importance of social interactions and mediation in teaching, learning and human development. The text points to the relevance of this knowledge in teacher training and in the planning of educational activities in schools with inclusive education. The public policy in inclusive education result in the right of school's qualification for students with special educational needs and also in the relationship between social, creative and cognitive process during human development with implication in schools.

Key words: Cognitive and Creative Process. Human Development. Inclusive Education.

Introdução

Retomamos o início da *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais* (1994), documento que é um marco em políticas públicas voltadas para a inclusão, pela sua importância neste contexto. Consta no documento que “a escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter”. Aponta ainda que, na escola inclusiva, os professores devem conhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos acomodando “os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos” (1994, p. 101). A *Declaração de Salamanca e a política em educação especial* resultou na elaboração de um documento das Nações Unidas que recebeu o título de *Regras padrões sobre equalização de oportunidades para pessoas com deficiências*. Consta do mesmo que os países e Estados-membro devem assegurar que a educação de pessoas com necessidades educativas especiais seja parte integrante do sistema educacional.

O processo inclusivo envolve a escola aberta, comunitária, solidária, em que a multiplicidade convida a ultrapassar a integração. “Na escola inclusiva o processo educativo é entendido como um processo social. Ela se apresenta como a vanguarda do processo educacional” (MRECH, 1998, p. 37). A escola inclusiva tem papel essencial no desenvolvimento de alunos com necessidades educativas especiais, na conquista da autonomia e na valorização dessas pessoas pela sociedade.

Uma análise dessas afirmativas remete à importância das interações sociais, considerando que aprender junto envolve uma trama intrincada existente entre a ideia de ser humano imerso num contexto histórico, enquanto “[...] corpo e mente, enquanto ser biológico e social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico” (OLIVEIRA, 2005, p. 23).

Apresentamos, a seguir, as premissas da aceção de Vygotsky (1984, 1987, 1996, 1997, 2001, 2003) que consideramos básicas para a educação, em se tratando de inclusão. A revisão da bibliografia de Vygotsky e de alguns de seus seguidores permite entender melhor a complexa trama conceitual proposta pelo autor em torno de desenvolvimento e aprendizagem.

Processos cognitivos, criativos, sociais e culturais no aporte de Vygotsky

Vygotsky (1984) explicita que a interação com o mundo ocorre por meio de mediações, ou seja, não se trata de uma relação direta, mas sim, de uma relação mediada pelos sistemas simbólicos, que são elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Nessa acepção a analogia básica entre signo e instrumento repousa na função mediadora que os caracteriza.

Isso está relacionado com a importância que Vygotsky (1984, 1987, 1996, 2001, 2003) dá ao papel do outro, à alteridade, às interações sociais no desenvolvimento e na constituição social dos sujeitos. O autor considera que há dois princípios básicos na aprendizagem e desenvolvimento da criança, que ele apresenta também como duas leis que regulam essa dinâmica. Primeiramente, a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem intersubjetivamente, no plano interp-sicológico. Significa que a criança aprende nas relações com o seu grupo familiar. Gradativamente, o processo de desenvolvimento e aprendizagem se diferencia, isto é, a criança se transforma em um ser único, distinto de sua família e, de intersubjetivo, não diferenciado, transforma-se em intrasubjetivo, único e diferenciado. Mas isso depende da interação social, tendo em vista que o outro social reconhece a transformação das ações que passam do grupo para o indivíduo. O termo social assegura a importância do papel do outro no desenvolvimento humano. E, como para Vygotsky aprendizagem e desenvolvimento estão relacionados diretamente desde o início da vida, o outro tem um papel essencial para o ser humano. Essas premissas de Vygotsky são importantes para os professores e devem permear todo o currículo escolar.

Um dos princípios norteadores de um currículo que se fundamente nessa proposta, segundo Coll (1987), relaciona-se com o que Vygotsky (1984, 1987) denomina zonas de desenvolvimento. O projeto e a estrutura curricular devem estabelecer uma diferença entre o que o aluno é capaz de fazer sozinho e o que é capaz de fazer e aprender com a ajuda e a participação de outras pessoas, observando-as, imitando-as, seguindo instruções, colaborando com elas. A distância entre esses dois pontos é a zona de desenvolvimento proximal, porque está situada entre o nível real e o nível de desenvolvimento potencial. Nessa dinâmica, o processo de mediação adquire importância.

Segundo Vygotsky a interação com o mundo não é direta, mas ocorre por meio de mediações, sendo os sistemas simbólicos elementos intermediários entre o sujeito e o mundo, e essa é uma questão fundamental também para o professor. “A analogia básica entre signo e instrumento repousa na função mediadora que os caracteriza” (VYGOTSKY, 1984 p. 51).

Vygotsky (1984) postula que o professor deve ser um mediador entre o sujeito que aprende e o conhecimento. Nessa perspectiva, não há espaço para a transmissão de conhecimentos sem a presença dos signos, dos símbolos e da cultura, que supõem a alteridade e são considerados agentes mediadores no ensino e na aprendizagem. Vygotsky (1984) refere-se à “obuclênia”, nessa dinâmica que envolve o professor que ensina e que, ao ensinar, aprende nas interações que estabelece com os alunos nas escolas. Como aprendizagem e desenvolvimento estão juntos desde o início da vida, segundo esse autor, professor e aluno são sujeitos sociais nessa trama conceitual.

A internalização é também uma das noções centrais do aporte de Vygotsky. Trata-se da reconstrução interna de uma operação externa, quando um processo interpessoal é transformado em intrapessoal. De acordo com esse autor, o desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização das interações sociais com materiais fornecidos pela cultura, como um processo que se constrói de fora para dentro, o que ocorre ao longo do ciclo de vida de cada indivíduo.

O ingresso na instituição escolar regular de uma criança com necessidades educativas especiais tem o papel explícito de interferir nesse processo, diferentemente das situações informais vivenciadas por ela, como o ambiente familiar, onde aprende por imersão. A educação escolar deve proporcionar avanços na zona de desenvolvimento proximal, o que significa que, com ajuda do professor, a criança pode aprender o que ainda não sabe. Ressalta-se aqui o papel do professor como mediador.

Outro fator de extrema importância para a educação inclusiva, também decorrente do aporte teórico de Vygotsky (1984, 1987, 1996, 2003) é a interação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo. Este fator é essencial no processo de desenvolvimento.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal permite entender o delineamento das competências da criança e de suas futuras conquistas, assim como a elaboração de estratégias pedagógicas que auxiliem nesse processo. Decorre das explicações de Vygotsky que o ensino passa do grupo para o

indivíduo, ou seja, o ambiente influencia a internalização das atividades cognitivas pelo indivíduo, de modo que o aprendizado gere desenvolvimento. Assim, de acordo com essas premissas, um currículo não pode ser dissociado da sociedade. Deve contemplar as disciplinas tradicionais, inserindo a linguagem verbal e as linguagens não-verbais. No caso de alunos com necessidades especiais, muitas vezes as linguagens não-verbais constituem importantes processos mediadores da aprendizagem. São linguagens gráficas, corporais, tecnológicas, dentre outras. Trata-se, então, de buscar inovações para o cotidiano da sala de aula, tanto no que se refere aos recursos pedagógicos quanto às interações entre professores e alunos, pautadas na convivência e na cooperação. Quando referimos os processos cognitivos retomamos a importância das atividades perceptivas e imaginativas no desenvolvimento e na aprendizagem pela possibilidade de ativação do imaginário, das atividades mentais combinatórias ligadas à construção, desconstrução e reconstrução, que são acionadas pela percepção e que, ao mesmo tempo, possibilitam novas percepções de si, do meio social e cultural (VYGOTSKY, 1987, 1996, 2003).

Vygotsky situa a cultura de modo dinâmico, como um palco de negociações, e dá ênfase ao papel da cultura quando refere que a natureza do desenvolvimento humano é cultural. Na época de sua formulação teórica, mais especificamente entre 1929 e 1930, Vygotsky criticou as concepções psicológicas vigentes em torno do desenvolvimento humano fundadas em modelos biológicos, resultando em explicações pré-formais e maturacionistas. Ao estabelecer a origem social das funções psicológicas superiores o autor ressalta a importância da cultura no desenvolvimento. Afirma que a cultura é uma produção humana originada simultaneamente de duas fontes: a vida social e a atividade social do homem.

Com base nesses pressupostos, as escolas com educação inclusiva necessitam reconhecer e legitimar novas práticas, respondendo às necessidades diversificadas dos alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando educação de qualidade. A partir das premissas do pensamento de Vygotsky pode-se pautar a escola, especificamente a inclusiva, como o lugar onde a intervenção pedagógica seria fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento de funções cognitivas, criativas e sociais.

Vygotsky (2003) apresenta uma formulação original sobre a criatividade e a imaginação. Apresenta a atividade criadora como a realização de algo novo.

Relaciona dois tipos de impulsos presentes na criatividade: um deles é reprodutivo e está relacionado com a memória; o outro está relacionado à função combinatória. O sujeito desconstrói elementos da realidade percebida até certo momento de seu desenvolvimento, sendo capaz de transformar os objetos que perdeu pela imaginação. Nessa formulação, as interações sociais são também essenciais, especialmente na combinação das atividades criativas com as vivências e experiências que ocorrem no cotidiano, o que também remete à formação de professores.

Em sua formulação teórica sobre a imaginação Vygotsky relaciona os vínculos existentes entre a fantasia e a realidade. Reafirma a importância das experiências ao explicar que o indivíduo parte delas para criar novas combinações, em uma relação complexa que se encontra na base da construção do conhecimento. Explica que as emoções vinculam a fantasia com a realidade, e expõe que a fantasia não se relaciona com aspectos inconscientes, e sim com a experiência real. Informa ainda que toda a ação criadora implica em uma tensão que advém das necessidades e dos desejos, mas estes por si mesmos são estímulos para o surgimento das imagens e necessitam também das interações sociais.

Para Vygotsky (2003), os seres humanos têm características relacionadas com objetividade e subjetividade. A subjetividade se objetiva pelas ações e se subjetiva pelos significados das vivências e experiências, contemplando os sentimentos e as emoções.

Pino (2005), Oliveira (2005) e Rego (1995) retomam o papel da cultura, da língua e da mediação semiótica na obra de Vygotsky ao explicar que o sujeito é uma produção histórico-dialética, constituído por relações mediadas semioticamente e vivenciadas em contextos culturais específicos. A produção de cada sujeito é permeada pela produção de outros sujeitos e pela própria objetividade. Carregada de signos, é marcada também por outras subjetividades. O sentido e a estética são também dimensões constitutivas do sujeito criativo, sensível e ativo que se produz e reproduz nas condições materiais da existência, em interação social.

Em Vygotsky (2001) a arte é mediadora no processo sócio-histórico do desenvolvimento humano. Enquanto sujeito do conhecimento, por representações da realidade, opera pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Vygotsky (1987, 2003) enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações feitas por outros sujeitos e objetos. O outro social pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. Segundo Vygotsky (2003), a atividade criadora é uma manifestação

exclusiva do ser humano, pois só este tem a capacidade de criar algo novo a partir do que já existe. Levando em consideração a memória, o homem pode imaginar situações futuras e formar outras imagens a partir daquelas com as quais interage. A ação criadora, desta forma, residiria na não-adaptação do ser, numa constante construção. A criação que envolve o ser humano é pessoal, singular, traz consigo as escolhas significativas e as diversas interpretações do mundo. Vygotsky apresenta uma trama conceitual intrincada e complexa sobre aprendizagem e desenvolvimento, ressaltando a relevância das interações sociais e da cultura, questões que se revestem de importância para os professores em sua formação e prática educativas.

Intersecções com a educação inclusiva

Pode-se pensar no currículo adequado a uma escola inclusiva como sendo aquele que, em seus fundamentos e na prática, considere as diferentes relações com o mundo externo que os alunos estabelecem e que os ajude a construir outras relações com o mundo, ampliando laços afetivos, contribuindo com o reconhecimento da singularidade do outro e a constatação da diversidade e das diferenças entre os alunos. Assim, sentem-se valorizados, tornam-se capazes de reestruturar o cotidiano não mais no maniqueísmo entre o bem ou o mal, o feio ou o bonito, mas na unidade e na convivência com uma totalidade.

Cabe à educação cuidar para que a espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a diversidade não apague a da unidade. É a unidade humana que traz em si os princípios das múltiplas possibilidades para aprender e desenvolver-se.

Um currículo adequado ao nosso tempo deve, portanto, possibilitar o desenvolvimento pleno dos sujeitos do processo educativo: professores e alunos com necessidades educativas especiais, em interação. Para a educação inclusiva, o direito à diferença constitui um dos princípios fundamentais que asseguram o desenvolvimento e a aprendizagem, ativando processos cognitivos e criativos, focalizando as interações sociais e o acesso à cultura para todos os alunos, o que visa à construção – pelos alunos com necessidades educativas especiais – de seus valores de forma racional e autônoma. Isto implica em uma mudança radical no ensino, cedendo espaço para a presença da cultura, dos signos e símbolos

nas atividades escolares. Para chegar lá, é preciso personalizar os percursos dos alunos considerando que cada um no seu ritmo poderá adquirir conhecimentos específicos, expressos em e através de múltiplas linguagens.

Identificando pontos de intersecção entre o aporte teórico de Vygotsky e a educação inclusiva pode-se referir que há leis para o desenvolvimento humano comuns aos alunos com e sem necessidades educativas especiais.

Vygotsky (1987, 1996, 1997, 2003) parte das funções biológicas e das interações sociais que são inerentes ao desenvolvimento de cada indivíduo, reafirmando que este desenvolvimento se dá de fora para dentro e ressaltando a relevância da família, da sociedade e da cultura. O processo educativo, por sua vez, também segue princípios idênticos para todos os alunos. O autor resalta a importância da coletividade e da cooperação no desenvolvimento e na aprendizagem. Há natureza idêntica no processo educativo e a coletividade é um fator essencial no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A lei de compensação pode ser aplicada a todos os alunos e o afeto é fundamental. Há unidade entre as funções cognitivas, criativas, sociais e afetivas, em um processo que se modifica ao longo do desenvolvimento e da aprendizagem (VYGOTSKY, 1997).

A escola com educação inclusiva, em lugar da norma e da normalidade deve priorizar a criatividade, que possibilita a adequação do ensino às pessoas e/ou grupos de pessoas. Em sua formulação teórica original, Vygotsky (1984, 1987, 1996, 1997, 2001, 2003) apresenta processos e conceitos que podem ser retomados na educação inclusiva, uma vez que integram aprendizagem e desenvolvimento, sujeito, alteridade e cultura.

Considerações finais

A inclusão, mesmo que ainda encontre obstáculos na sociedade, é um dos fatores decisivos para a integração social. Representa a criação de uma sociedade mais justa para os seres humanos com o desenvolvimento de um sistema educativo mais equitativo e a promoção de respostas adequadas à diversidade. O aporte teórico de Vygotsky possibilita aos professores uma articulação com as propostas da educação inclusiva, considerando que traz para o debate dimensões cognitivas, criativas, sociais e culturais. São questões presentes no ensino e na aprendizagem em tempos de inclusão e que possibilitam uma compreensão sobre

processos envolvidos na aprendizagem. Há múltiplas maneiras de ensinar, mas é necessário não perder de vista que as pessoas apresentam ritmos distintos de aprendizagem, relacionadas as oportunidades de aprender e considerada, aqui, a heterogeneidade humana e social.

Muitas vezes o discurso de igualdade abafa a diversidade. É necessário reconhecer que há semelhanças, mas para que resulte desse reconhecimento um respeito às diferenças, de forma que este espaço de socialização nas escolas possa propiciar o contato com alunos de diferentes meios sociais e culturais, com costumes distintos, com diferentes necessidades educativas especiais, transformando a diversidade em um campo privilegiado para o enriquecimento da experiência educativa. Trata-se de estimular pontos de vista, valores e papéis sociais como convite ao diálogo com as diferenças, em que o ensinar possa ser visto como um encontro com o outro. Esta postura poderá resultar em uma mudança de atitude diante do outro, que é alguém essencial para a constituição de cada um como sujeito, que mostra os limites, mas que possibilita ir além, que avança, reconhecendo as diferenças e, assim, impulsiona o processo educacional nas escolas.

Referências

- COLL, C. *Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. São Paulo: Ática, 1987.
- MRECH, L.M. O que é educação inclusiva. *Revista Integração*, MEC/SEESP, ano 8, n. 20, p. 34-38, 1998.
- NAÇÕES UNIDAS. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília, DF: Corde, 1994.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygostky – Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico*. São Paulo: Scipione, 2005.
- REGO, T. C. *Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PINO, A. *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.
- YVOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Fundamentos de defectologia. Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1997. v. 5.

_____. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *La imaginación y el art in infância*. Madrid: Akal, 2003.

recebido em 10 out. 2012 / aprovado em 16 abr. 2013

Para referenciar este texto:

FREITAS, N. K. Processos cognitivos, criativos e sociais no desenvolvimento e aprendizagem em educação inclusiva. *Dialogia*, São Paulo, n. 17, p. 149-158, jan./jun. 2013.